



Caracterização do modo de produção da raça Brava de Lide

O caso de estudo da ganadaria Murteira Grave

Manuel Francisco Vieira Pontes Dias Gomes

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

Engenharia Agronómica - Agro- Pecuária

Orientador: Professor Doutor Pedro Aguiar Pinto

Co-orientador: Doutor Joaquim Manuel de Vasconcelos e Sá Grave

Júri:

Presidente: Doutora Cristina Maria Moniz Simões de Oliveira, Professora Associada com agregação do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutor Pedro Jorge Cravo Aguiar Pinto, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Doutor João Pedro Bengala Freire, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

I. Agradecimentos

Quero agradecer a todos que de uma forma ou de outra, contribuíram positivamente durante o meu percurso académico no Instituto Superior de Agronomia, em especial:

Ao Professor Pedro Aguiar Pinto, por ter aceite orientar a minha dissertação e pela ajuda na elaboração e revisão da mesma.

Ao Doutor Joaquim Grave, o meu muito obrigado, pelo conhecimento transmitido ao co-orientar este estudo, e por ter sido uma “chave-mestra” na realização da dissertação.

À Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, em especial ao Doutor Vasco Lucas.

A todos os amigos que fiz durante este curso pelos excelentes momentos que vivemos juntos e pela amizade que nos une.

Aos meus pais, por me apoiarem e proporcionarem a oportunidade de concluir a minha formação superior.

II. Resumo

O objectivo desta dissertação é caracterizar o modo de produção da raça Brava de Lide com uma descrição geral da raça até à sua importância como uma criação associada a uma biodiversidade e um respeito da natureza animal. Descrevendo as instalações necessárias para a criação da raça em estudo bem como uma caracterização dos vários componentes do manejo tais como: a sanidade dos animais (controlo de problemas sanitários); a alimentação (feita à base de pastagem embora as exigências do toiro de lide requerem concentrados); a selecção de animais (feita através de tentaderos) e reprodução. Haverá, também, uma referência a um sub-produto associado a esta raça, a carne. E, por fim, um caso de estudo de uma das ganadarias mais prestigiadas no mundo da tauromaquia Portuguesa.

Palavras-chave: raça Brava de Lide, manejo, tentaderos, ganadarias, tauromaquia

III. Abstract

The objective of this work is to characterize the mode of production of *raça Brava de Lide* with a general description of the breed to its importance as a creation associated with a unique ecosystem with a biodiversity and respect animal nature . Describing the facilities necessary for the creation of the breed in the study and characterization of the various management components such as the health of animals (control health problems) ; food (made to pasture base although the *toiro de lide* requirements needs concentrated) ; selection of animals (made through *tentaderos*) and reproduction. There will also be a reference to a sub- product associated with this breed, the meat. And finally , a case of study of one of the most prestigious bull farmers in the world of Portuguese bullfighting.

Keywords: *raça Brava de Lide*; such ; *tentaderos*; bull farmers; bullfighting.

Índice

I. Agradecimentos	ii
II. Resumo.....	iii
III. Abstract.....	iv
Índice de figuras	vii
Índice de tabelas	ix
Índice remissivo.....	x
1. Introdução	1
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	2
2.1 A raça Brava de Lide	2
2.1.1 Origem	2
2.1.2 Principais características morfológicas e funcionais	6
2.2 O habitat da raça Brava de Lide.....	7
3. A Exploração de raça Brava de Lide.....	10
3.1 Distribuição geográfica	10
3.2 Ecologia: Ganadaria Extensiva, ecossistema único, biodiversidade e respeito da natureza animal	13
3.2.1 Clima.....	14
3.2.2 Geologia e solos	16
3.3 A vegetação	16
3.4 Instalações necessárias	17
3.4.1 Vedações e cercas	18
3.4.2 Currais	19
3.4.3 Comedouros e bebedouros	19
3.4.4 Jaulas e mangas.....	20
3.4.5 Praça de tentas.....	21
3.4.6 Báscula	21

3.5	Maneio.....	21
3.5.1	Mão-de-obra	21
3.5.2	Alimentação	22
3.5.3	Sanidade.....	25
3.5.4	Seleccção	25
3.5.5	Reprodução	26
3.5.6	Identificação Animal.....	28
3.6	Carne - um subproduto desta raça	30
4.	Caso de Estudo: Ganadaria Murteira Grave	32
4.1	Características selectivas e reprodutivas	36
4.2	Turismo	37
5.	Conclusão	39
6.	Glossário.....	40
7.	Bibliografia	43
	Anexo I	48
	Anexo II	49
	Anexo III	50
	Anexo IV	51

Índice de figuras

Figura 1- As castas fundacionais do toiro de lide (UCTL,2014).....	4
Figura 2 - Localização geográfica das castas fundacionais do toiro de lide	5
Figura 3 - Dimensão e localização geográfica da área onde se encontra a "dehesa" 7	
Figura 4 - Mapa da ilha terceira com as várias ganadarias da ilha.....	8
Figura 5 - Distribuição geográfica das ganadarias portuguesas. (A) Distribuição geográfica das ganadarias portuguesas (Genpro Online, 2014). (B) Unidades de nível II da NUTS. (C) Distribuição geográfica das ganadarias portuguesas segundo a NUTS II.....	10
Figura 6 - Dimensão média das explorações agrícolas no ano de 2009 (INE, 2011)12	
Figura 7 – Normais Climatológicas de Portalegre	14
Figura 8 – Normais climatológicas de Évora	15
Figura 9 – Carta dos solos de Portugal (Adaptado do Atlas do Ambiente Digital), segundo a classificação da FAO.....	16
Figura 10- Tauródromo.....	18
Figura 11- Vista aérea das instalações de uma exploração de raça brava de Lide..	19
Figura 12 - Um exemplo de um toiro bravo com um comedouro individual.....	20
Figura 13 - Uma jaula que serve para a identificação dos animais com cerca de um ano de idade	20
Figura 14 - Uma das instalações presentes numa ganadaria, a praça de tentas	21
Figura 15 - Curva de Produção de Pastagem nas condições de sequeiro Mediterrâneo (Crespo, 1975)	22
Figura 16 - Evolução e ganho médio diário do toiro bravo em função da idade (adaptado de Caballero de la Calle, J.R., 2002)	24
Figura 17 - O toiro bravo no seu habitat, símbolo ecológico e da protecção da biodiversidade da lezíria e do montado.....	24
Figura 18 - Reprodução por monta natural.....	27
Figura 19 - Possível sinal de orelhas de uma ganadaria	29
Figura 20 - As marcas colocadas no toiro bravo e as suas localizações.....	29

Figura 21 - Logótipos criados para a comercialização dos diferentes subprodutos da carne da raça Brava de Lide	31
Figura 22- Dados relativos à precipitação e temperatura na região de Mourão	32
Figura 23 - Vista aérea da herdade de Galeana (delimitada pela linha preta)	33
Figura 24 - O montado presente na herdade da Galeana	34
Figura 25 - Vista parcial do olival da Herdade de Galeana	35
Figura 26 - O tipo de toiro criado nesta ganadaria	37

Índice de tabelas

Tabela 1. Denominações habituais dos animais consoante a idade (Fonte: APTCL, 2006).....	6
Tabela 2 Distribuição Geográfica do efetivo em Portugal por NUTS II (Genpro Online, 2014)	10
Tabela 3 - Distribuição do nº de ganadarias por região e efectivo reprodutor em 2014 (Genpro Online, 2014)	10
Tabela 4. Dimensão aproximada das explorações de raça Brava de Lide por região (APCTL,2014)	11
Tabela 5. Idade de eventos de desenvolvimento sexual de fêmeas de raças bovinas em diferentes funções produtivas (Garrido, 2014)	26
Tabela 6 - Distribuição etária do efectivo de animais de raça Brava de Lide na Herdade da Galeana.....	32
Tabela 7 - Número de animais que foram para espectáculos tauromáquicos nos últimos três anos.....	33

Índice remissivo

acometividade, 10
aficionados, 11
bravura, 33, 34, 35
burladeros, 29
capote, 33
castas, 11, 12
charneca, 19
cornamentas, 44
currais, 27, 29, 42
encaste, 33
encastes, 13, 33, 36
ganadarias, 9, 14, 18, 19, 21, 33, 36
ganadeiros, 10, 11, 34
investida, 49
maiorais, 11
Maioral, 29, 49, 54
montado, 19, 21, 32, 41
mueco, 28
muleta, 33
nobreza, 10
Raça Brava de Lide, 10, 11, 14, 18,
19, 22, 36, 38, 39, 47
semental, 33, 34, 35, 36
sortes, 11
tenta, 33
tentaderos, 33
toiro bravo, 11, 21, 28, 31, 32, 34, 37

1. Introdução

A presente dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Agronómica pelo Instituto Superior de Agronomia tem como título "Caracterização do modo de produção da raça Brava de Lide – O caso de estudo da ganadaria Murteira Grave".

A produção da raça Brava de Lide é orientada sobretudo para a obtenção de um padrão comportamental que inclui características como bravura, nobreza, toureabilidade, entre outras. Porém, a sua conformação e desenvolvimento corporal permitem considerá-la uma raça de aptidão múltipla.

As características morfológicas destes animais são bastante variáveis devido à grande diversidade genética presente nesta raça, apesar de serem genericamente animais muito rústicos e de grande adaptabilidade a condições adversas e com facilidade em atingirem um equilíbrio com a flora e fauna de diferentes meios.

Na verdade, a criação do toiro bravo é um caso exemplar de produção animal em que se atingem elevados índices de bem-estar animal, preservando a biodiversidade, a ponto de poder ser considerada uma actividade guardiã da pastagem ibérica, uma vez que ocupa cerca de um sétimo da superfície da pastagem ibérica – mais de 300 000 hectares – (Carpio, 2010). Em Portugal, as 102 ganadarias portuguesas inscritas na Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide concentram-se nas regiões do Ribatejo e Alentejo explorando cerca de 40 000 hectares.

As especificidades da raça Brava de Lide tornam-na numa produção de interesse zotécnico invulgar e cuja actividade tem implicações sociais, económicas, culturais e ecológicas.

Pretende-se conhecer as instalações necessárias para a criação da raça em estudo bem como as competências e estratégias a adoptar pelos criadores desta raça através dos diversos factores do manejo tais como: a sanidade dos animais; a alimentação; a selecção de animais e a reprodução de forma a melhorar o seu desempenho e assim otimizar a produção. E, por fim, uma descrição da realidade de uma das ganadarias mais prestigiadas no mundo da tauromaquia portuguesa.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 A raça Brava de Lide

2.1.1 Origem

A raça de bovinos chamada Brava de Lide tem origem no Uro ou Auroque (*Bos Primigenius*), toiro primitivo que viveu na Ásia, África e na Europa. Este antepassado do toiro bravo surge abundantemente retratado na arte rupestre de Lascaux, Altamira ou Foz Côa. Recebeu a denominação de uro, aplicada por primeira vez por Júlio César ao latinizar o termo auroque como era designado pelos povos da Gália (Areva, 1958). O seu significado etimológico pode traduzir-se como touro selvagem. Há autores que defendem que, chegou à Península Ibérica vindo do norte de África através do estreito de Gibraltar.

A diferenciação desta raça conta com três séculos de história, durante os quais os proprietários das explorações agrícolas que se dedicavam à produção desta raça de bovinos tão característica (ganadeiros), seleccionaram características comportamentais (agressividade, acometividade, nobreza, entre outras) num sentido oposto ao vulgarmente procurado nas restantes raças de bovinos, que começaram a ser seleccionadas para a produção de carne ou leite (Cañón et al., 2005; (M.A.M.R.M., 2011).

A raça Brava de Lide foi pioneira na elaboração e execução de um programa de selecção relativamente complexo. Existem registos genealógicos dos caracteres que determinam a funcionalidade da raça desde a origem da mesma (Cañón et al., 2005). Segundo Cossío (1988) no século XVIII surgem em Espanha as primeiras ganadarias de reses bravas, dedicadas exclusivamente à criação e selecção do touro para a lide em praça. A raça depois estendeu-se essencialmente à totalidade da Península Ibérica, França e alguns países da América de influência espanhola (México, Colômbia, Venezuela, Peru e Equador).

O seu valor como património cultural é consequência das características de agressividade que esta raça apresenta naturalmente, razão porque foi usada como espectáculo para a diversão das populações. Vulgarizou-se a realização de eventos

populares em recintos fechados e muitas vezes os aldeões juntavam-se também nos campos para colaborar no manejo destes animais. Com o tempo, foi surgindo aquilo a que hoje podemos chamar de espectáculo tauromáquico, onde de certa forma o que desperta a atenção das populações é a agressividade exibida por estes animais. É assim que no século XVIII se popularizaram as corridas de toiros, coincidindo com a construção das primeiras praças de toiros em algumas das principais cidades espanholas e ao mesmo tempo com a criação e desenvolvimento das primeiras formas de tourear, ou seja, onde o toureio como conjunto de sortes praticadas nessas festas, começa a seguir determinadas regras que, por sua vez, exigem adaptações lentas mas de enorme significado na criação do toiro bravo. A interpretação de cada criador das características dos animais da raça brava que melhor serviam as exigências da lide constituiu os factores motores do aproveitamento da inata bravura e outras particularidades externas, transformando o toiro bravo em toiro de lide (M.M.A.M.R.M., 2011). Pode dizer-se que esta raça, muito à semelhança de outras raças produtoras de trabalho, carne e leite é uma criação humana que ao longo do tempo tem vindo a ser sujeita a modalidades de selecção de diferentes características em consonância com a evolução do espectáculo. A evolução e preocupação com os bovinos de raça Brava de Lide não passam apenas pelos ganadeiros. Apesar de a selecção ser da responsabilidade dos ganadeiros, para ela contribuem todos os participantes na tauromaquia. Nela podemos encontrar desde os toureiros, aos ganadeiros, aos maiorais, aos empresários taurinos, aos aficionados desta arte ou simplesmente a todos quantos se fascinam pela imponência transmitida por estes animais.

A selecção dos bovinos de raça tem vindo a operar sobre uma base de diversas castas fundacionais que adquiriram a sua designação a partir da região onde se agruparam os primitivos bovinos bravios e que viriam a ser seleccionados por diferentes proprietários para darem origem ao toiro bravo de lide.



Figura 1- As castas fundacionais do toiro de lide (UCTL,2014)

A estas castas atribui-se a designação de Castas Fundacionais do Toiro de Lide. O termo casta compreende linha, família, ou animal de linha agressiva que demonstra persistência combativa.

Consideram-se como castas fundacionais as seguintes (Lucas, 2010):

- CASTA NAVARRA – Região onde existem as primeiras referências a ganadarias bravas, embora rudimentarmente organizadas;
- CASTA CASTELHANA – Diferenciada em três sub-castas, casos da COLMENEREÑA (na zonal de Colmenar), a JIJONA (na região Manchega e desenvolvida pelo criador Miguel José Jijon, e daí a sua designação) e ainda a MORUCHA (concentrada na região de Salamanca);
- CASTA FRANCESA – Na região sul do país, diferenciada conforme as regiões em duas sub-castas – a LANDESA e a CAMARGUESA;



Figura 2 - Localização geográfica das castas fundacionais do toiro de lide (UCTL,2014)

d) CASTA ANDALUZA – Na região de Andaluzia e com 4 troncos principais ou subcastas; a de CABRERA (seleccionada por Rafael José Cabrera, com animais oriundos dos frades cartuxos e dominicanos) (1740), a de GALLARDO (por Francisco Gallardo, com origem idêntica à de Cabrera, mas com nítida diferenciação morfológica - Pablo Romero Partido Resina), a VASQUEÑA (de Vicente José Vazquez Verágua) e a de VISTAHERMOSA (Conde de Vistahermosa encastes actuais na sua maioria);

e) PORTUGUESA – O gado bravo em Portugal distribuía-se entre a charneca e a lezíria por 4 zonas – campos do Mondego, Golegã, Vila Franca de Xira e Alentejo.

Dá-se o nome de encaste ao conjunto de animais com origem nas castas fundacionais e que se considera ter características morfo-funcionais fixadas e bem definidas. Estes encastes têm vindo a ser seleccionados por diversos criadores que se identificam com eles.

Em Portugal apenas existe uma vacada oriunda da antiga casta portuguesa, que pertence à família Vaz Monteiro, mantendo-se pura desde 1840 embora com uma elevada consanguinidade (Lucas, 2010).

Todas as outras ganadarias inscritas na APCTL, têm origem na casta fundacional espanhola de Vistahermosa (linha Murube - Ibarra – Parladé).

2.1.2 Principais características morfológicas e funcionais

A raça Brava de Lide é uma raça autóctone da Península Ibérica (DGAV, 2014). É descrita como uma raça harmoniosa de bovinos rústicos, bem proporcionados, com uma musculatura bem desenvolvida e com um equilíbrio entre as várias características do seu corpo. Possivelmente, seja uma das raças autóctones portuguesas mais pequena.

São animais de esqueleto fino apesar de volumosos, onde o dimorfismo sexual é evidente (o peso dos machos adultos ronda os 500 Kg e o das fêmeas adultas os 280 Kg).

Tendencialmente a morfologia dos animais busca uma homogeneidade dentro de cada ganadaria. Este aspecto não está apenas vinculado à selecção que cada ganadeiro imprime, está também interligado o encaste ou encastes que cada ganadaria possui, podendo existir uma grande variedade de cornamentas, pelagens, oscilações no perfil fronto-nasal, etc. (APCTL, 2006)

A selecção levada a cabo visa obter animais com um carácter ou comportamento definido; uma destas características que se designa por bravura tem evoluído de acordo com as exigências do espectáculo taurino.

Tabela 1- Denominações habituais dos animais consoante a idade (Fonte: APTCL, 2006)

Considera-se que um touro atinge a idade adulta aos 4 anos de idade

Añojo(a)	bezerro com 1 ano de idade
Eral(a)	garraio (a)/ com 2 anos de idade
Utrero(a)	novilho (a) com 3 anos de idade
Cuatroño(a)	touro/vaca brava com 4 anos de idade
Cinqueño(a)	touro/vaca brava com 5 anos de idade

Permanece no seu habitat natural durante um ano ou mais anos conforme o tipo de espectáculos em que cada ganadeiro queira participar com os seus animais. Na raça Brava de Lide o objectivo final é a manifestação do seu comportamento agressivo em determinadas circunstâncias durante um curto período de tempo.

Existe uma grande variedade de espectáculos taurinos que, em função das suas características, se classificam como: corridas de toiros; corridas mistas; novilhadas; novilhadas populares; variedades taurinas; festivais tauromáquicos (Anexo III). Conforme o tipo de espectáculo as exigências a nível dos animais são distintas.

2.2 O habitat da raça Brava de Lide

A criação dos bovinos da raça Brava de Lide está relacionada com o meio geográfico e ao mesmo tempo condiciona a gestão agrícola das explorações que se dedicam a esta actividade. A produção dos bovinos da raça Brava de Lide está intimamente ligada e dependente dos montados de sobreiro¹, azinho e carvalho, das pastagens naturais, da vegetação espontânea e das características xerófitas associadas a estas associações fito-climáticas.



**Figura 3 - Dimensão e localização geográfica da área onde se encontra a "dehesa".
(UCTL,2014)**

¹ Os sobreiros e azinheiras ocorrem em povoamentos designados por montados de sobreiro ou azinho, respectivamente

Com este mapa o que se destaca é a distribuição das 248.450 ha dedicadas à raça Brava de Lide em Espanha. Destacam-se as principais regiões de criação que passaram a ser as marismas da Andaluzia (equivalentes às nossas lezírias) e as dehesas (equivalentes aos nossos montados) das serras andaluzas e das regiões de Extremadura e Salamanca, ainda que nesta última região as condições de criação da raça Brava de Lide muitas vezes são bastante adversas pelas geadas que ocorrem com frequência em Invernos rigorosos.

No sul de França também se desenvolveu a criação dum toiro com características muito especiais, na região da Camarga, num habitat com muitas semelhanças às lezírias e marismas. Nas zonas húmidas como o Norte de Espanha, onde as precipitações são abundantes não se encontra praticamente nenhuma ganadaria de bravo.

Nos Açores e com maior particularidade na ilha Terceira, devido à escassez da terra inerente à insularidade associada à pequena dimensão da ilha, as ganadarias são de muito menor dimensão.



Figura 4 - Mapa da ilha terceira com as várias ganadarias da ilha

Nesta região autónoma, o pastoreio do gado bovino é possível praticamente todo o ano e na maioria das ocasiões devido ao clima temperado húmido com influência marítima que aliado a solos férteis, reúnem-se condições naturais para a produção de pastagem e para o pastoreio. No entanto, durante alguns períodos do ano a produção de pastagem é insuficiente para cobrir as necessidades alimentares do efectivo bovino.

3. A Exploração de raça Brava de Lide

3.1 Distribuição geográfica

De acordo com os dados recolhidos junto da Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide [APCTL], existem em Portugal 102 ganadarias de raça Brava de Lide, distribuídas por quatro zonas do país: Centro, Lisboa, Alentejo e Região Autónoma dos Açores (Figura). A grande maioria das ganadarias Portuguesas encontram-se localizadas no Alentejo (82), em Lisboa (7), no Centro (5) e na Região Autónoma dos Açores (8).

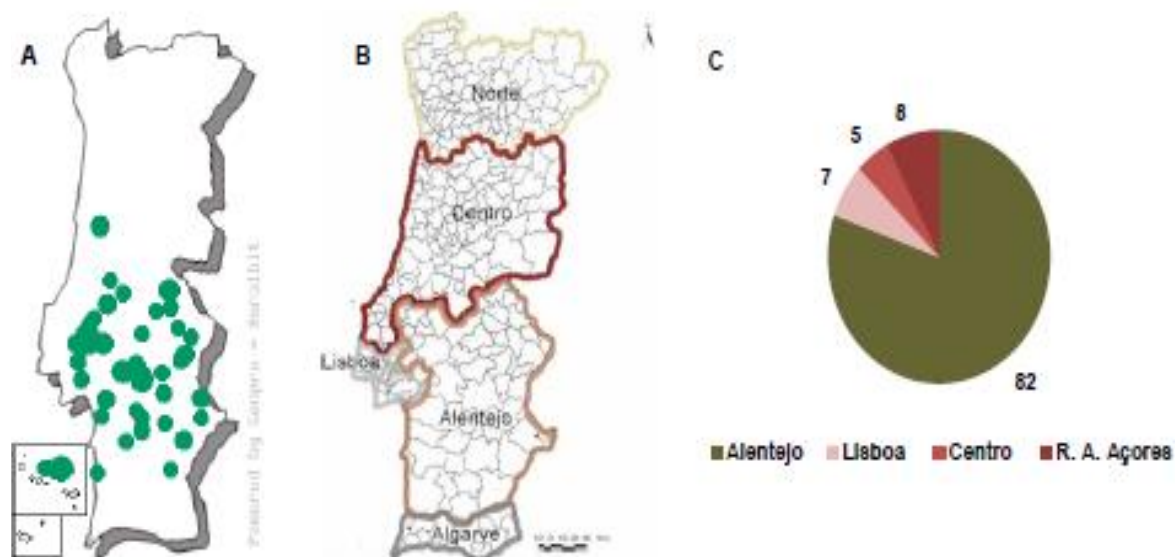


Figura 5 - Distribuição geográfica das ganadarias portuguesas.
(A) Distribuição geográfica das ganadarias portuguesas (Genpro Online, 2014). (B) Unidades de nível II da NUTS². (C) Distribuição geográfica das ganadarias portuguesas segundo a NUTS II.

O efectivo nacional compreende um total de 24 433 reses. Estão inscritas no Livro Genealógico de Adultos 8.153 vacas de ventre, enquanto o nº de sementais – machos destinados à reprodução – registados é de 328. (Tabela 2).

² Nomenclature of Units for Territorial Statistics II) no continente. Imagem adaptada de DL n.º 244/2002

Tabela 2 - Distribuição Geográfica do efectivo em Portugal por NUTS II (Genpro Online, 2014)

	Alentejo	Lisboa	Centro	R. A. Açores	Total
Nº Fêmeas reprodutoras	6958	584	173	438	8153
Nº de Machos reprodutores	275	20	4	29	328
Nº Total de Animais/ Região	7233	604	177	467	8481

A maioria das ganadarias portuguesas possui um efectivo reprodutor com menos de 100 vacas de ventre como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3 - Distribuição do nº de ganadarias por região e efectivo reprodutor em 2014 (Genpro Online, 2014)

	Alentejo	Lisboa	Centro	R. A. Açores	Total
<50 Vacas	28	3	3	5	39
≥50 Vacas e <100 Vacas	24	2	2	2	30
≥100 Vacas e <150 Vacas	17	1	—	—	18
≥150 Vacas e <200 Vacas	10	1	—	1	12
≥200 Vacas	3	—	—	—	3

A sustentabilidade de um sistema implica que o equilíbrio ecológico e social seja mantido, para preservar o património genético local e simultaneamente a fixação de populações e actividades agrícolas (Gama, 2006; Villanueva et al., 2004).

Como consequência do desenvolvimento tecnológico e da necessidade de intensificação do uso da terra com mais elevado potencial agrícola, a raça Brava de Lide foi sendo afastada das regiões mais ricas que ocupava, nomeadamente as bacias dos rios, para zonas menos produtivas e (ou) marginais (Cañon et al., 2008). Em Portugal, a maioria das ganadarias deslocou-se do Ribatejo para o Alentejo para zonas de aptidão silvo pastoril ocupando sobretudo zonas de montado de azinho e (ou) sobro em solos mais delgados. As actuais ganadarias ribatejanas deslocaram-se para zonas de charneca, onde conseguem subsistir devido à grande rusticidade da raça brava.

O tamanho da exploração agrícola é um factor decisivo neste sistema de produção extensivo, na medida em que a obtenção da condição física dos animais requerida pressupõe a prática regular de exercício.

A manutenção destes animais e das práticas agrícolas que lhes estão associadas contribuem para manter de tradições e valores culturais, impedindo o abandono das zonas desfavorecidas (Carprio, 2009; Gama., 2006).

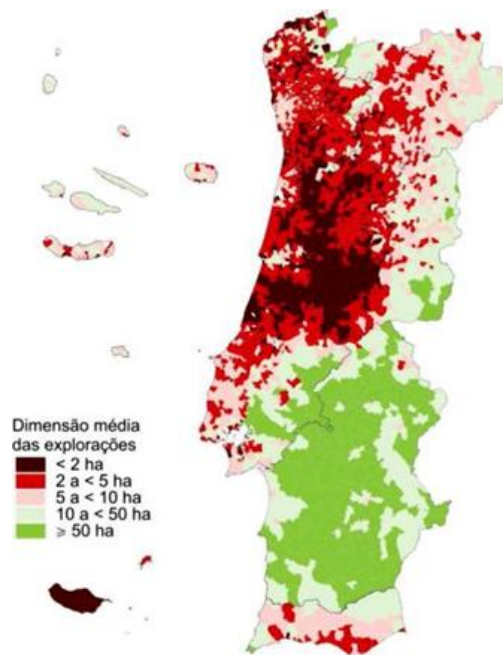


Figura 6 - Dimensão média das explorações agrícolas no ano de 2009 (INE, 2011)

Tabela 4 - Dimensão aproximada das explorações de raça Brava de Lide por região (APCTL,2014)

	Alentejo	Lisboa	Centro	Açores
Área Média (ha)	500	300	20-500	10
Nº explorações	82	7	5	8

A dimensão média das explorações agrícolas portuguesas apresenta grande variabilidade regional. Perante dados do Instituto Nacional de Estatística [INE] (2011), no Alentejo, a dimensão média das explorações é superior a 51 ha, significativamente quatro vezes superior à média nacional, as quais não ultrapassam

os 6 ha. Para os Açores, a dimensão média das explorações atinge o valor mínimo de 0,4 ha. Comparando o mesmo parâmetro para as ganadarias bravas, encontramos valores dez vezes superiores, com uma área média por exploração de 500 ha no Alentejo, 300 ha em Lisboa e vale do Tejo e 20 ha nos Açores (Tabela 4). Embora a superfície total ocupada pelas ganadarias bravas em Portugal não esteja exactamente calculada pode estimar-se que este valor se encontre entre os 40.000ha e os 50.000ha (APCTL2014). Estando esta raça associada à produção em regime extensivo, com um encabeçamento médio de 1,5 CN /ha.

3.2 Ecologia: Ganadaria Extensiva, ecossistema único, biodiversidade e respeito da natureza animal

O toiro bravo é um defensor do meio ambiente; um valor ecológico de primeira magnitude e um elemento fundamental para a manutenção e sobrevivência do montado, um ecossistema único no mundo, exclusivo da península ibérica e que constitui uma verdadeira reserva de fauna e flora à imagem dos grandes parques naturais protegidos. O gado bravo comparte espaço com o lince ou a águia imperial; se o toiro de lide desaparecesse, o mesmo aconteceria a estas espécies.

A agricultura e a pecuária são cada vez mais desconhecidas para uma grande parte da população. Perceber como se criam os animais, e como se comportam, é fundamental para que se entenda a sua utilidade para a sobrevivência do homem. O animal adaptado no seu habitat, e com bem-estar, justifica a sua existência, seja doméstico ou selvagem. O sucesso da produção em extensivo, onde se respeita os hábitos normais da vida dos animais criados é uma realidade. O facto desse tipo de produção estar associado a grandes áreas de terreno, preserva ecossistemas naturais. Mantêm-se animais e plantas originárias desses locais que, de outra maneira, estariam em risco. É uma forma mais ética de criar seres vivos. A quase total liberdade, permite que se respeite os ritmos de crescimento e comportamento normais de animais e plantas próprias, de cada espécie, em cada lugar.

O regime de produção extensivo permite a manutenção de paisagens com muito pouca intervenção humana, onde a biodiversidade não é afectada pelo pastoreio e faz frente à construção civil desenfreada e sem critério.

A exploração da raça brava de lide é uma actividade das mais respeitadoras do ambiente. Em cada ganadeiro há a formação, quase inata, de uma consciência ambiental.

É, portanto, um património ecológico que converte a península ibérica numa importante reserva natural de biodiversidade face aos restantes países (Cruz Barrientos, 2008).

3.2.1 Clima

A área de dispersão desta raça é essencialmente a zona Alentejana, distritos de Évora e Portalegre.

De acordo com a classificação de Köppen, em Portalegre, o clima é Csa- clima temperado húmido de Verão seco (clima mediterrâneo). A temperatura média do ar dos três meses mais frios está compreendida entre -3°C a 18 °C, em que a temperatura média do ar no mês mais quente é superior a 22 °C. A precipitação ocorre maioritariamente no período do Inverno.

Em geral, verificam-se baixas precipitações no Distrito de Portalegre. Trata-se da Região do Alentejo que menores valores de precipitação apresenta, devido sobretudo às baixas altitudes. Excepto a Serra de São Mamede, que é composta por alguns dos pontos mais altos a sul do Rio Tejo, nos quais a precipitação pode chegar, anualmente, aos 750-800 mm.

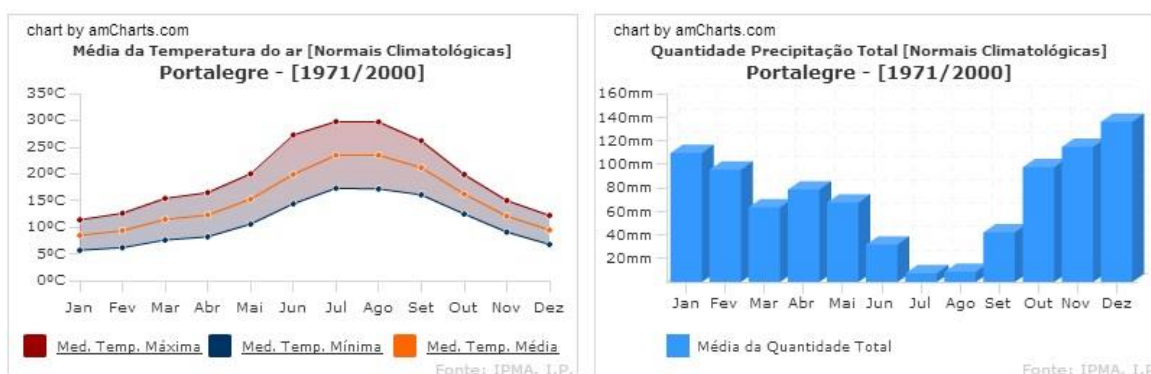


Figura 7 – Normais Climatológicas de Portalegre

O concelho de Évora, influenciado pela latitude e pelo afastamento marítimo, é marcado por uma amplitude térmica significativa entre os meses de inverno e de verão, atingindo temperaturas muito elevadas nos meses de Julho, Agosto e Setembro e medianamente baixas nos meses de Dezembro, Janeiro e Fevereiro.

Em Évora a temperatura média é 15.9 °C. A precipitação atinge anualmente um valor médio de 629,4 mm, sendo a sua distribuição irregular durante o ano. Os valores mais elevados da precipitação média mensal total concentram-se nos meses de Outubro a Fevereiro, período de tempo onde chove cerca 64% do total anual (IPMA,2015).

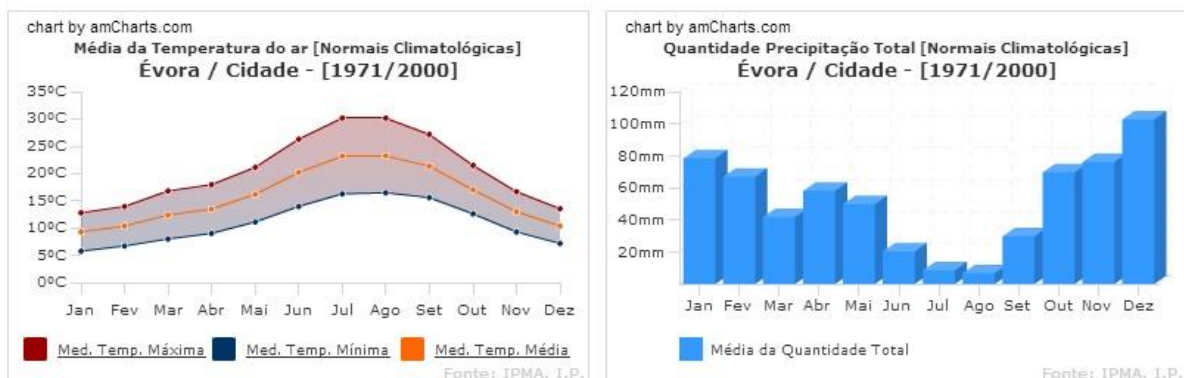


Figura 8 – Normais climatológicas de Évora

Na ilha Terceira as reses bravas pastam no interior da ilha e nas zonas mais altas, zonas conhecidas como o “Mato”. (Ázera, 2000). Em zonas de maior altitude (> 450 m) as condições climáticas extremam-se (elevada precipitação e humidade, redução do número de horas de luz e temperaturas mais baixas), o que normalmente vem associado a declives acentuados, provocando limitações à produção. A esta altitude predominam as pastagens permanentes de menor valor, geralmente naturais ou seminaturais. São nestas pastagens de menor produtividade com espécies de baixo valor nutritivo e de grande resistência ao encharcamento, onde habita o gado bravo da ilha Terceira. As condições de rusticidade da raça Brava permitem rentabilizar estes terrenos que mostram dificuldades acrescidas à produção de leite e carne de outras raças de bovinos, ou até pequenos ruminantes (Lima, J. P., 2014).

3.2.2 Geologia e solos

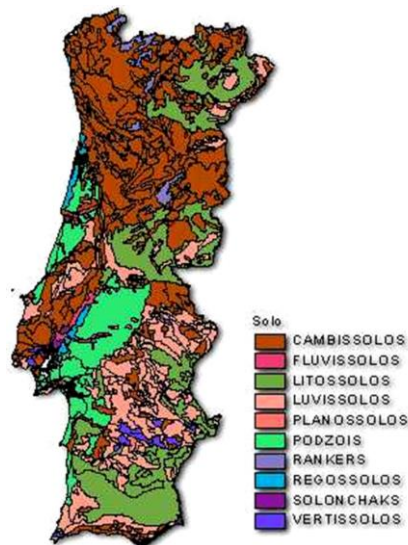


Figura 9 – Carta dos solos de Portugal (Adaptado do Atlas do Ambiente Digital), segundo a classificação da FAO

O tipo de solos mais característicos na principal região de criação da raça Brava de Lide são os Litossolos, solos pouco profundos, em que os cursos de água apresentam um regime bastante irregular ao longo do ano, com caudais significativos no período de Outono/Inverno que chegam a desaparecer completamente no período seco. Como tal é pouco favorável ao desenvolvimento de pastagens de qualidade, e conseqüentemente, pouco favorável para os bovinos em geral. Enquanto nas regiões Lisboa e Centro predominam os solos do tipo Podzóis que se caracterizam pela presença de um horizonte de acumulação de ferro e/ou matéria orgânica sob um horizonte lixiviado (Ferreira, 2000). As condições edafo-climáticas típicas da região mediterrânea do Alentejo afectam a produção de alimentos para os animais, provocando um desequilíbrio alimentar o que demonstra a grande rusticidade desta raça. Ainda que em algumas zonas de ganadarias existam solos do tipo Luvisolos, os quais se caracterizam pela presença de um horizonte de acumulação de argila a determinada profundidade.

3.3 A vegetação

O montado representa parte do sistema agrosilvopastoril da região onde existe maior número de ganadarias. Trata-se de um ecossistema seminatural, onde a agricultura (pastos e campos cultivados) e a pecuária (criação de gado em regime extensivo) se encontram naturalmente integradas nas extensas florestas de sobre e

azinho. Das árvores e arbustos que caracterizam a floresta Mediterrânica (ICNF,2013).

Segundo Potes (2011) o estrato arbóreo é constituído por *Quercus suber* L., *Quercus Rotundifolia* L., destacando-se, ainda, o carrasco, o zambujeiro, a aroeira, a murta, o aderno-de-folhas-estreitas (*Phillyrea angustifolia*), o loendro (*Nerium oleander*), o género *Rhamnus* e ainda o pinheiro, o cedro e o cipreste. O estrato arbustivo compõe-se de diversas espécies arbustivas com destaque para os géneros *Cistus* ou *Ulex*, (*C. salviifolia*, *C. Ladanifer*, *Genista* spp (piorno), *Ulex* spp (tojo). O estrato herbáceo é dominado pelas gramíneas e leguminosas e caracteriza-se também pela diversidade de espécies dentro destas famílias de plantas pratenses. Predominam as famílias: Leguminosae (*trifolium* y *medicago* – *T. Cherleri*, *T. Glomeratum*, *T. Resupinatum*, *T. Stellatum*, *T. Striatum*, *T. Subterraneum*, *M. Aculeata*, *M. Arábica*, *M. Orbicularis*, *M. Polymorfa*, *M. Rigidula*, *M. Truncatual*), e *Ornithopus*, *Biserrula*, e *Scorpiurus*. Gramíneas dos generos *Lolium*, *Hordeum*, *Bromus*, *Poa* e outras. Todas estas plantas são plantas pratenses anuais de ressementeira natural, cujo ciclo se adapta às estações do ano (Potes, 2011).

Quanto às plantas tipicamente Mediterrânicas destacam-se os géneros *Rosmarinus* (e.g. alecrim), *Lavandula* (e.g. rosmaninho), *Thymus* (e.g. tomilho), *Halimium* (sargaços), *Cistus* (e.g. esteva, *C. ladanifer*) e várias espécies do género *Origanum* (e.g. orégão, *O. vulgare*), *Ornithopus* sp. pl., *Astragalus* sp. pl. e a *Vicia* sp. pl.

3.4 Instalações necessárias

Nestas explorações como em outras procura-se a máxima funcionalidade em cada instalação necessária, ou seja, construir infra-estruturas básicas para que o maneiio destes animais seja correcto, respeitando as regras de bem-estar animal ao mesmo tempo que se garante a segurança de todos quantos intervêm em cada operação. Na realidade, existem grandes diferenças no tipo de instalações nas várias ganadarias devido à própria localização geográfica bem como às possibilidades económicas de cada criador.

3.4.1 Vedações e cercas

Estas explorações devem estar divididas em parques ou cerca com fáceis acessos, de modo a separar os diversos grupos etários por sexo. Mais tarde, quando os animais começam a cumprir os 4 anos de idade alguns ganadeiros chegam a criar lotes de 6 animais colocando-os em diferentes sítios.



Figura 10- Tauródromo

Actualmente, é frequente ver toiros que, pela sua genética querem investir, mas a sua condição física impede-os de mostrar toda a bravura que atesouram. No fundo, produção e genética caminham a velocidades diferentes. Portanto, em muitas das ganadarias, “obrigam” os seus toiros a realizarem exercício regularmente para obterem boa condição física (maior resistência respiratória e locomotora) tão necessária nas lides contemporâneas. Em termos musculares, para que haja maior número de fibras vermelhas do que fibras brancas. Para o efeito, os toiros percorrem determinadas distâncias em mangas que não são mais do que verdadeiros tauródromos.



Figura 11- Vista aérea das instalações de uma exploração de raça brava de Lide

3.4.2 Currais

Os currais são uma instalação fundamental na ganadaria, pois servem para tratamentos específicos dos animais, bem como para dividir os animais quando chega a altura da ferra ou quando se tem que transportar os animais para outro sitio. Esta unidade de manejo deve instalar-se no centro da exploração e, portanto, todos os parques ou cercas devem ter fácil acesso a esta unidade.

3.4.3 Comedouros e bebedouros

Os comedouros dos animais adultos (toiros) devem ter capacidade sempre para mais animais do que aqueles que estão no grupo ou então pequenos comedouros individuais em forma circular com uns 60 cm de diâmetro e 40-50 cm de profundidade para que possa comer só um toiro e de modo a evitar a luta entre os que se encontram no mesmo grupo. Na raça brava existe uma hierarquia social bastante vincada onde há sempre um líder. Mas também existe sempre um outro exemplar que quer ser líder, o que leva a que as lutas sejam frequentes. Estes fenómenos de competição fazem-se sentir nos momentos de refeição.



Figura 12 - Um exemplo de um toiro bravo com um comedouro individual.

3.4.4 Jaulas e mangas

Como em qualquer outra exploração pecuária deve existir um local apropriado para os procedimentos de sanidade animal previstos na legislação. Particularmente deve haver um muelco para eventuais tratamentos mais atenciosos dos machos adultos e uma jaula, na qual se procede à identificação dos animais com cerca de um ano de idade.



Figura 13 - Uma jaula que serve para a identificação dos animais com cerca de um ano de idade

3.4.5 Praça de tentas

Outra das instalações necessárias e que identifica uma exploração agrícola deste tipo é a praça de tentas, pela qual se tem um cuidado especial pois é o “observatório” de uma ganadaria (onde se observa o comportamento de qualquer animal). Normalmente tem uma forma circular com um diâmetro mínimo de 30 a 35 metros com um piso de areia com 5 burladeros, com uma parede de 3 metros de altura. Deverá ter duas portas: uma para os currais e outra de saída para o campo, que será suficientemente larga para poder entrar um veículo. Tem, também, um palco desde do qual se pode presenciar tudo o que se suceda neste recinto.



Figura 14 - Uma das instalações presentes numa ganadaria, a praça de tentas

3.4.6 Báscula

Poderá haver ou não uma báscula, útil para pesar um animal (macho) da exploração em caso de não existir uma certeza de que o seu peso está em conformidade com o regulamento tauromáquico (Anexo III).

3.5 Maneio

3.5.1 Mão-de-obra

É essencial que um dos trabalhadores seja uma pessoa com uma intuição muito particular designado por Maioral, uma intuição que provém da observação e do trabalho diário, um conhecimento da criação do touro para o correcto desempenho do controlo e funcionalidade da exploração. O Maioral é o grande conhecedor os animais que constituem a ganadaria.

3.5.2 Alimentação

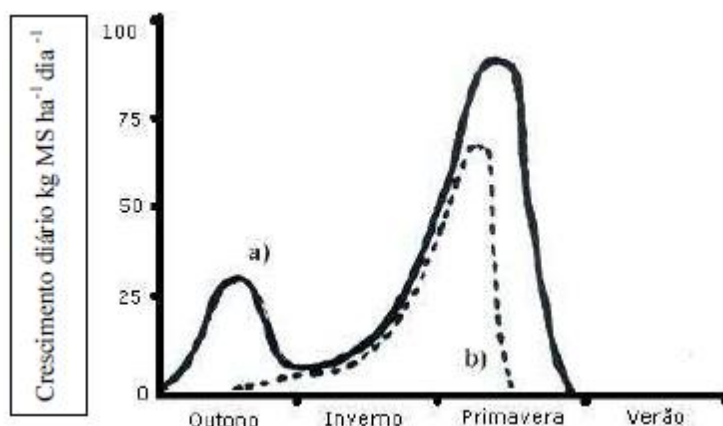


Figura 15 - Curva de Produção de Pastagem nas condições de sequeiro Mediterrâneo (Crespo, 1975)

Encontram-se diferentes pastos na exploração agrícola, onde a flora espontânea é abundante em espécies de leguminosas (*Medicago* spp., *Melilotus* spp., *Scorpiurus* spp.), gramíneas (*bromus* e *poa*) e outras espécies herbáceas.

No final do Outono e início do Inverno as temperaturas descem e os dias são mais curtos, o crescimento (germinação e rebentação) da pastagem é limitado sobretudo pelas baixas temperaturas. Na Primavera a conjugação dos factores humidade, temperatura e radiação proporcionam a fase de maior crescimento e desenvolvimento da pastagem (desenvolvimento vegetativo e reprodutivo) podendo atingir valores de cerca de 50 a 120 kg MS/ha/dia e que pode representar cerca de 65 a 85 % da produção total anual da pastagem (Crespo, 1975).

Segundo Crespo (1975) é possível obter produções entre 3 a 9 ton MS/ha/ano a partir de pastagens semeadas nas condições de sequeiro Mediterrâneo, produção essa que se encontra no entanto, irregularmente distribuída ao longo do ano como mostra a curva da figura 15 e que pode ocorrer também irregularmente de ano para ano.

A composição da pastagem e a sua qualidade e quantidade são influenciados e dependem um pouco da climatologia, pois quanto mais cedo começar a chover no Outono, quanto mais cedo se sentir o "calor primaveril" e quanto mais tempo houver humidade no solo, maior será a produção/qualidade de pastagem e menor será a necessidade de fornecer forragem conservada, palha ou alimento concentrado de

maneira a manter a condição corporal do efectivo das fêmeas reprodutoras e os animais mais jovens (Efe Serrano, 2006).

Uma vez que caso se preveja que haja animais (machos) a sair da exploração durante o ano para espectáculos taurinos deverão ser acompanhados, antecipadamente, com alimentos concentrados e palha, entre 6 a 7 kg por cabeça.

O toiro bravo de lide sendo um ruminante tem um processo digestivo, o qual há que se respeitar de modo a evitar problemas que possam derivar do uso de alimentos composto na sua alimentação, ainda que esta seja quase sempre composta por forragens. Doenças como a acidoses ruminal, problemas digestivos e hepáticos são causadas pela utilização incorrecta ou excessiva dos alimentos compostos

Os suplementos alimentares, segundo (Domecq,2009) deverão ter um mínimo de 15% de fibra (ADF) enquanto o restante da composição varia com a experiencia e preferência do criador respeitando nutritivamente de modo a evitar problemas digestivos. Espécies como aveia, cevada, algodão, milho soja, e complementos vitamínicos e minerais são outros dos possíveis componentes de um alimento composto. O toiro bravo é um animal que não se deve desenvolver de uma forma acelerada com excesso de alimento porque num futuro as suas formas corporais podem ficar comprometidas por um desenvolvimento desajustado.

O peso ideal na idade adulta de um toiro bravo de tamanho médio deve estar entre os 480 e os 530 kg). Excesso de peso pode afectar a sua própria mobilidade e, conseqüentemente, interferir negativamente na sua lide. Para que tal não suceda, uma alimentação correcta e equilibrada deve ser respeitada de modo a que os permita obter as máximas características de trapío e fortaleza.

Na figura 16, verifica-se que o crescimento desta raça não é contudo homogéneo. O ganho médio diário (GMD) pode decrescer de 400 a 180 g/dia nos primeiros 2-3 anos de vida, para posteriormente ganhar peso até aos 4-5 anos. Na parte final, pode atingir GMD de 400 g/dia (Caballero de la Calle, 2002).

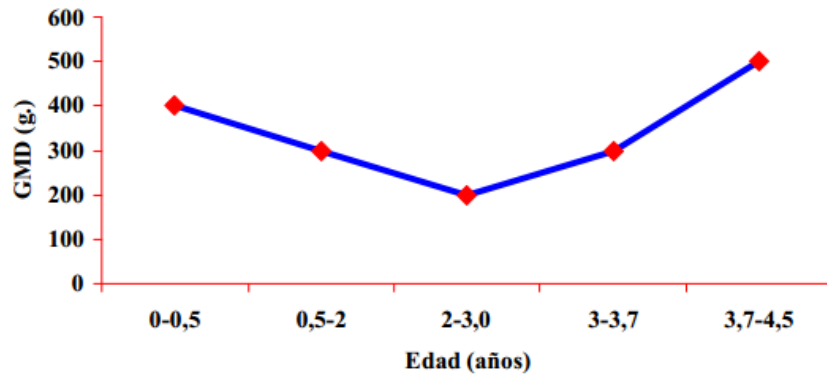


Figura 16 - Evolução e ganho médio diário do toiro bravo em função da idade (adaptado de Caballero de la Calle, J.R., 2002)

Há que considerar um encabeçamento e a disponibilidade forrageira existente que pode determinar a necessidade de suplementos tendo em conta as necessidades dos animais segundo as idades, o sexo ou estado fisiológico ao longo do ano.

A suplementação alimentar é muito importante na formulação das dietas dos toiros de lide, especialmente antes da época das corridas de toiros, permitindo contribuir eficientemente para dar o peso desejado ao animal. Não permite, porém, compensar defeitos de crescimento que tenham sido adquiridos em fases mais precoces. (Rodríguez Medina, 1993).



Figura 17 - O toiro bravo no seu habitat, símbolo ecológico e da protecção da biodiversidade da lezíria e do montado

3.5.3 Sanidade

Para além do rastreio anual obrigatório de brucelose e tuberculose, deve desparasitar-se todo o efectivo reprodutor, vacas e sementais, assim como os toiros que cada ano vão para os espectáculos tauromáquicos. Devem igualmente vacinar-se os bezerras e bezerras de desmame, contra as enterotoxémias e pasteureloses, principais causas das baixas nestes grupos de animais.

Tal controlo não deveria comprometer a manutenção da diversidade de encastes e linhas genéticas que caracterizam a raça brava.

3.5.4 Selecção

Segundo Alvaro Domecq e Diez (1986) “seleccionar uma ganadaria é tratar de juntar caracteres psíquicos e anímicos para torná-los mais positivos. Em ganadarias de gado manso é mais fácil de seleccionar mecanismos que permitam uma maior transformação da ração em carne ou em leite dependendo do objectivo das ganadarias. Se procurarem reprodutores com índices muito altos, seleccionados sucessivamente, logicamente que os seus filhos tem mais possibilidade de alcançar um peso maior em menos tempo e uma maior produção de leite. Porque não pensar que o mesmo pode acontecer com as ganadarias bravas, através do factor bravura?”

Factores como a genética, as formas, o resultado obtido nas provas de selecção (tentaderos) e a ascendência são importantes para uma melhor decisão acerca da eleição do semental. A transmissão destes caracteres pode-se quantificar através da heritabilidade desta raça que tem uma importância de 30 %, uma herdabilidade mediana (CAÑON, 2008).

A tenta é uma prova funcional geralmente realizada em praças de tenta das ganadarias ou a campo aberto, na qual os animais são submetidos a estímulos móveis (capote e muleta) e fixos (cavalo) mediante um protocolo definido pelo ganadeiro (DOMEcq, 1986; BRAGA, 1989; SANCHÉZ et al., 1990). Consiste em tourear animais com dois anos de idade. No entanto em Portugal a tenta de fêmeas é mais comum. Durante estas provas o ganadeiro avalia o comportamento das fêmeas perante critérios de bravura e decide quais as que ficam para reprodutoras. Nesta prova funcional o ganadeiro terá presente o comportamento que pretende implementar nos seus animais. Esta forma de seleccionar faz com que o ganadeiro

deva conhecer quais os comportamentos típicos dos encastes ou procedência para que possa aceitar determinados comportamentos como positivos visto que dentro de cada encaste existem comportamentos típicos.

É um processo de selecção conduzido com seriedade e realizada em silêncio por forma a não interferir no comportamento dos animais.

No caso desta raça, é o próprio ganadeiro uma vez que dirige a selecção e tem o seu próprio conceito, pelo que se torna mais complicado definir objectivos comuns para o conjunto de ganadeiros (Lomillos et al. , 2013).

De modo geral, os objectivos de selecção são a melhoria do comportamento dos animais durante uma lide e pela conservação da variabilidade genética da raça brava. Uma vez que a bravura não é algo exacto um toiro bravo pode ter uma descendência com grandes diferenças de bravura.

Portanto, o ganadeiro decide e realiza a sua selecção de animais, imprimindo uma carácter único e pessoal (marca de uma ganadaria) através de informações objectivas fruto das investigações e estudos mencionados.

3.5.5 Reprodução

O manejo reprodutivo é um dos principais factores chave da rentabilidade de uma ganadaria brava, pelo que o seu melhoramento constitui, nas explorações, uma tarefa essencial. A vacada divide-se em vários grupos, designados por lotes de cobrição.

Segundo Purroy (2003) as novilhas iniciam a sua actividade reprodutiva com cerca de 2 anos de idade, e cada semental deve cobrir, em média, 40 a 50 fêmeas. A raça Brava tem uma taxa de fertilidade de 80% sendo que 20% das vacas podem ser estéreis, nunca produzindo qualquer cria viável. Refere o mesmo autor que 70% a 80% das vacas ficam gestantes.

As épocas de cobrição efectuem-se no período de Novembro a Abril/Maio e 90% da distribuição do parto ocorre entre Agosto e Março. Para Purroy (1997,2003) a infertilidade é um problema que envolve todo o efectivo reprodutor, nomeadamente pela subalimentação que se observa em épocas de produtividade forrageira diminuta (período invernal) em que os animais não são suplementados. As vacas têm perdas de peso e de condição corporal substanciais, ficando magras e desnutridas

provocando alterações a nível hormonal. Em consequência de uma actividade ovárica reduzida resultam cios silenciosos que poderão não ser detectados pelo macho. No entanto, este problema também pode surgir devido à idade avançada da vacada visto que a partir de 13 a 15 anos de idade começa a diminuir a actividade sexual.

De acordo com Purroy (2003) a redução da fertilidade também pode ser influenciada pela subalimentação dos sementais conduzindo a uma diminuição espermática. Refere o mesmo autor que é frequente haver excessos de fêmeas por macho reprodutor, levando a falhas nas detecções de cios pelos sementais e elevado dispêndio energético na cobertura do lote, conduzindo a grandes perdas de condição corporal do toiro. Com o intuito de colmatar diversos problemas na produção, e em particular na eficiência reprodutiva, deve se ter em conta todos estes aspectos técnicos de produção para melhorar o resultado global da ganadaria.

Sendo o período de gestação de 9 meses, a introdução do semental nos lotes de cobertura e, sobretudo, no Alentejo sucede no mês de Novembro. A razão principal desta escolha passa por procurar que na época de cria, o campo esteja em condições de alimentar as mães para poderem criar bem até à chegada do verão.

As cobrições realizam-se por monta natural. O ganadeiro decide qual o semental que quer que cubra cada vaca, uma operação importantíssima para a selecção de uma ganadaria de gado bravo. Esta decisão realiza-se em função dos conhecimentos e intuição do próprio criador. Um semental, além da bravura que provou num espectáculo taurino ou numa tenta, deve ser bem feito (Lucas, A.,2010).



Figura 18 - Reprodução por monta natural

A verificação da qualidade de um semental comprova-se no comportamento das suas filhas aos 2 ou 3 anos de idade nos tentaderos. Os sementais podem chegar até aos 15 anos (idade que é variável com a intensidade da sua utilização) (Gaudioso y Riol, 1996).

A actividade sexual, normalmente, inicia-se aos 2 anos de idade, a partir da qual as fêmeas podem entrar em reprodução e a duração da vida útil de uma vaca está entre 8-10 anos. Normalmente, o intervalo de parto-cobrição é entre 2-4 meses de idade (Gaudioso y Riol, 1996).

Tabela 5 – Idade(em meses) de eventos de desenvolvimento sexual de fêmeas de raças bovinas em diferentes funções produtivas (Garrido, 2014)

	Fêmeas de raça Brava de Lide	Fêmeas de Carne (Média de raças autóctones e exóticas)	Fêmeas de Leite
Idade do primeiro cio	9-13	10-15	8-12
Maturidade Sexual	15	18	15
Início da puberdade	12	15	11
Idade da 1ª cobrição	15-24	22-24	15-18
Idade do 1º parto	24	9-13	24

Outro método, menos comum, utilizado é a inseminação artificial (IA). A aplicação desta técnica reúne um conjunto de potencialidades aliciantes de acordo com um artigo de revisão bibliográfica apresentado por Lomillos et al.,(2013) tais como:

- Contribuição para a salvaguarda de encastes em perigo de extinção;
- Aumento do número de machos reprodutores;
- Limitação da transmissão de doenças;
- Transporte mais fácil do material genético na raça Brava;
- Utilização do sémen de toiros post-mortem.

3.5.6 Identificação Animal

A identificação animal aplica-se aos bezerros recém-nascidos através da colocação de marcas auriculares oficiais nas orelhas.

Outra identificação dos animais é feita pela marcação a ferro quente. É a ferra, que acontece após o desmame, ou seja, aproximadamente ao ano de idade. Esta

identificação obedece à regulamentação do Livro Genealógico da Raça de Lide, retirando-se as marcações auriculares que, contudo, se mantêm nas fêmeas. No caso dos machos pode-se aplicar o sinal de orelhas da ganadaria, o que fica ao critério de cada ganadeiro. Esta operação é efectuada na presença do veterinário técnico do Livro Genealógico da associação a que a ganadaria pertence, e que anota as marcas de identificação colectivas e individuais dos bezerros, indicando a sua pelagem.



Figura 19 - Possível sinal de orelhas de uma ganadaria

Na ferra colocam-se várias marcas a ferro (figura 20) em fogo ou azoto líquido a saber:

- na coxa direita, o ferro da ganadaria;
- na garupa direita a marca do livro genealógico espanhol;
- no costado direito, o número de série (ao critério do ganadeiro);
- na espádua direita, o último algarismo do ano ganadeiro (ano que não coincide com o ano civil. Inicia-se a 1 de Julho e termina a 30 de Junho do ano seguinte.);
- no pescoço direito a marca do livro genealógico português.



Figura 20 - As marcas colocadas no toiro bravo e as suas localizações

3.6 Carne - um subproduto desta raça

Tendo em conta que historicamente a criação de bovinos de raça Brava de Lide Portuguesa está e estará sempre associada ao objectivo tauromáquico, a fonte de rendimento económico principal é e será, com certeza, a exploração sobre a visão de obtenção de animais com características físicas e comportamentais susceptíveis de serem valorizadas para esse fim.

Contudo, e de forma complementar com o objectivo principal da exploração, através da existência de uma organização de produtores foi possível criar um sistema de valorização da carne – DOP (Denominação de Origem Protegida). A sua boa conformação resulta num elevado rendimento de carcaça (cerca de 50% para os machos, após a lide) (Lucas, 2010).

Até aqui a carne era valorizada no mercado como um subproduto da exploração de bovinos da Raça Brava de Lide Portuguesa. Com a implementação e desenvolvimento de um processo técnico de identificação, definição e caracterização da origem geográfica, do maneio de criação e reprodução tradicional, das características organolépticas da carne proveniente dos bovinos, foi obtido o registo da protecção comunitário para o produto Carne de Bravo do Ribatejo como DOP.

A carne proveniente destes bovinos lidados e de refugo passou a ter uma outra visibilidade e conotação no mercado, uma vez que a engorda é progressiva e não é a gordura provocada pelas engordas intensivas.

Com o fim de dar um novo alento à imagem da comercialização da carne proveniente deste tipo de raça e levar a uma maior procura deste tipo de carne, melhorar o preço da carne e melhorar a rentabilidade deve existir uma boa política de imagem e gestão da carne da raça orientada por diferentes associações relacionadas com o meio e bastante apoiadas pelas entidades superiores. Assim, no decorrer desta dissertação criei uma marca para dois subprodutos da carne de raça brava, mais precisamente bifos hambúrgueres ultracongelados e empadas a qual se encontra registada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (Anexo IV). Estes subprodutos pertencem à BOVIBRAVO (Agrupamento de Produtores de Bovinos de raça Brava de Lide, Lda). Na figura 21 encontram-se os logótipos que elegi para a comercialização dos mesmos com fim de atingir restaurantes, caterings.

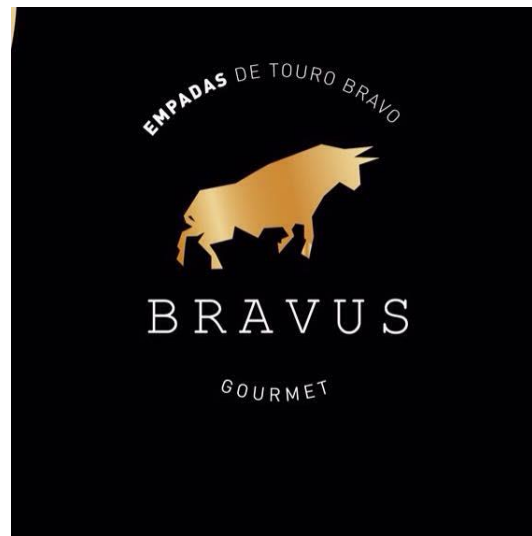


Figura 21 - Logótipos criados para a comercialização dos diferentes subprodutos da carne da raça Brava de Lide

4. Caso de Estudo: Ganadaria Murteira Grave

A Herdade da Galeana, situada no concelho de Mourão, freguesia da Granja, encontra-se numa região denominada “Margem Esquerda” do rio Guadiana, fazendo fronteira com Espanha.

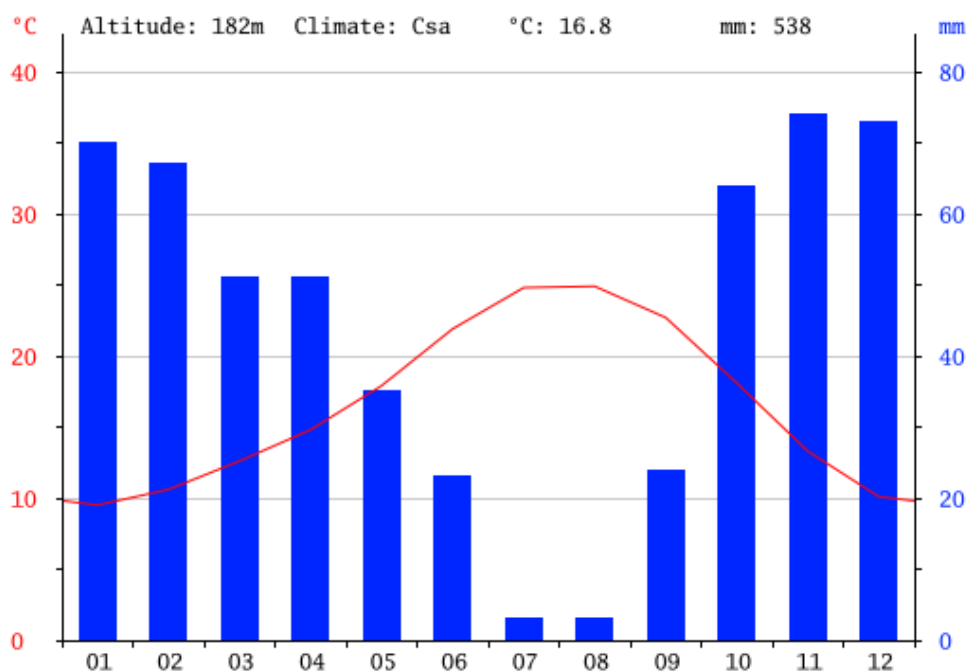


Figura 22- Dados relativos à precipitação e temperatura na região de Mourão

Nesta região, o clima é quente com uma temperatura média de 16.8 °C. Tem uma pluviosidade média anual de 538 mm, sendo a precipitação menor no mês Julho. Grande parte da precipitação incide no mês de Novembro, com uma média de 74 mm. Com uma estação seca e quente marcada no verão com temperaturas médias de 24.9 °C no mês de Agosto, o mês mais quente do ano. Em Janeiro, a temperatura média é 9.5 °C, a mais baixa de todo o ano, mês no qual ocorrem geadas. Quanto à humidade relativa do ar, este parâmetro pode atingir os 75 a 85% nos meses de inverno, descendo drasticamente no verão com as temperaturas do ar mais elevadas.

Esta unidade de produção tem cerca de 918 ha, que são ocupados na sua maioria por um montado misto de sobreiros (*Quercus suber*) e azinheiras (*Quercus rotundifolia*) sendo a última, a espécie mais abundante. Como cultura permanente o olival ocupa 5,59 ha na herdade de Galeana. A totalidade das pastagens existentes são naturais dominadas por gramíneas e com produções da ordem de 1-2 tMS/ha/ano ainda que em determinados anos cerca de 20 ha foram melhorados a nível de pastagens por sementeira de misturas à base de leguminosas anuais (*T. Subterraneum* e *Medicago* spp) de ressementeira natural de maior produtividade de modo a obter feno. Uma pastagem abundante e com qualidade rica em leguminosas como os trevos proporcionam uma pastagem com alto conteúdo em proteína. Relativamente a condições edáficas, encontra-se Litossolos com aproveitamento natural em regime extensivo em que a bolota constitui um alimento fundamental do gado.

Quanto à humidade relativa do ar esta pode atingir os 75 a 85% nos meses de inverno, descendo drasticamente no verão com as temperaturas do ar mais elevadas.

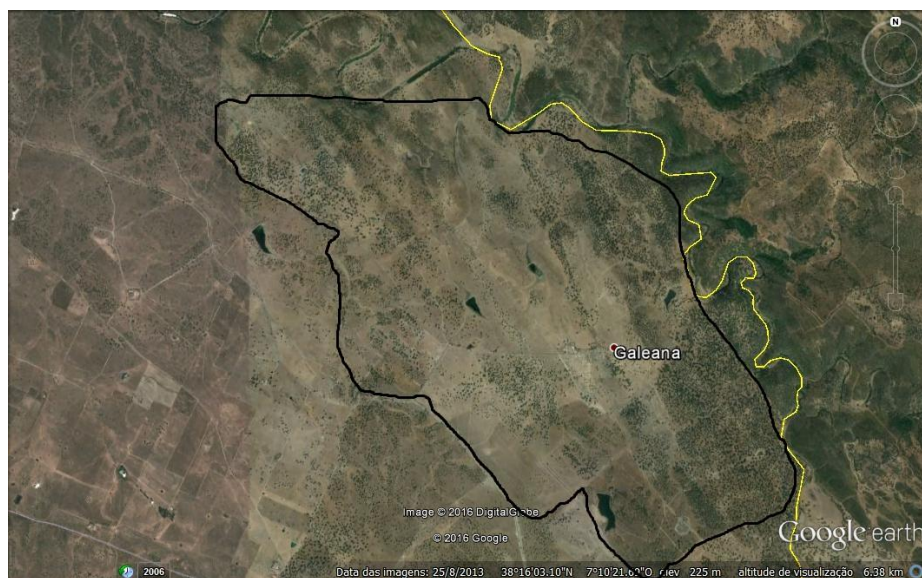


Figura 23 - Vista aérea da herdade de Galeana (delimitada pela linha preta)

A principal actividade desenvolvida na herdade de Galeana está focada na produção de animais de raça Brava, pelo que toda a organização espacial da exploração foi projectada de acordo com o sistema de produção desta raça. Esta exploração está subdividida em cercas através de muros e vedações em arame farpado e rede.



Figura 24 - O montado presente na herdade da Galeana

Em todas as cercas os animais têm acesso a água, existindo pontos de água distribuídos por toda a herdade (como por exemplo em ribeiras, barragens, charcas e barrancos) podendo bebendo directamente nestas massas de água, o que pode contribuir, através de fezes e urinas, para uma possível contaminação da água. Para que se minimize esta possível contaminação de águas, existem bebedouros com água proveniente de furos. Como infra-estruturas existe um sistema de currais e manga de maneio em alvenaria, sendo esta completada por uma manga de tubos de ferro, uma jaula de contenção para animais adultos e outra para animais jovens.

Tabela 6 - Número de animais por distribuição etária de raça Brava de Lide na herdade de Galeana

Idade	Machos	Fêmeas
>8	0	69
7	0	30
6	8	23
5	8	23
4	35	17
3	56	13
2	69	66
1	52	56
<1	79	67

Hoje em dia o efectivo de fêmeas reprodutoras (a partir dos 2 anos de idades, ou seja, depois das provas de selecção) é constituído por cerca de 175 animais.

Considerando o maneio alimentar praticado nesta exploração como, acima referido em sistema extensivo todo o ano, com a presença de pastagens de sequeiro, quando as condições de pastoreio escasseiam surge a necessidade de administrar suplementos alimentares, neste caso, feno produzido na própria exploração. Por outro lado, os únicos efectivos suplementados com concentrado são os toiros e novilhos. O alimento concentrado é disponibilizado no mês de Outubro anterior á temporada tauromáquica em que vão ser lidados. Actualmente é administrado diariamente, em termos médios, 8 KMS/animal.



Figura 25 - Vista parcial do olival da Herdade de Galeana

A ganadaria em questão é uma das mais prestigiadas do nosso País não só pelos seus 73 anos de existência bem como pelas qualidades demonstradas pelos produtos, sendo a segunda ganadaria que mais lida em Portugal.

Tabela 7 - Número de animais que foram para espectáculos tauromáquicos nos últimos três anos

Temporada 2013	Temporada 2014	Temporada 2015
54	59	49

4.1 Características selectivas e reprodutivas

Os exemplares de Murteira Grave são corpulentos com cornamentas acapachadas e generosas. De trapio muito sério, aparentam mais peso do que na realidade têm. A maioria é de capa negra, alguns cardenos e outros entrepelados. Há também castanhos e colorados.

Em 1974 são introduzidos sementais de Carlos Nuñez e, mais tarde de Vasconcellos d'Andrade (Tamaron- Alves do Rio), Paquirri (Carlos Nuñez) e Juan Pedro Domecq, sendo agregado em 1995 um lote de sementais de Carlos Nuñez. Desde então a partir de 2004 foram introduzidos sementais de Jandilla.

As vacas são divididas em lotes reprodutivos que variam entre as 25 e as 35 cabeças. A cada um dos lotes está destinado um macho. A composição dos lotes é feita de forma criteriosa em função de características funcionais, morfológicas. Para o proprietário da ganadaria Murteira Grave as características morfológicas principais são o tamanho do animal, comprimento e direcção dos cornos. As características funcionais podem ser subdivididas em directas ou indirectas. As primeiras estão relacionadas com o comportamento que a vaca exibiu na prova de selecção, enquanto que as segundas estão relacionadas com o comportamento dos seus descendentes. Em termos genéticos evita-se cruzar animais que tenham parentesco próximo devido aos inconvenientes que decorrem de consanguinidade.

A época de cobrição é iniciada, conforme a tradição de ganadaria, no dia 1 de Novembro, acabando durante a 2ª quinzena de Maio. Consequentemente, a época de partos inicia-se em Agosto e acaba nos primeiros dias de Março de maneira a que as maiores necessidades dos efectivos coincidam com a altura de maior quantidade e qualidade da pastagem. Com um esquema definido de lotes cobrição existe um conhecimento dos progenitores, de modo a facilitar a selecção e melhoramento genético.

Segundo Grave (2015), na sua ganadaria procura encontrar um conjunto de caracteres que são os seguintes:

Trapío: “ Diz respeito à morfologia do animal, trata-se no fundo da sua apresentação, tem uma componente quantificável ou objectiva, mas é sobretudo uma apreciação subjectiva. Tem a ver com a harmonia e/ou tipo do animal.”

Bravura: é um conceito plurifactorial. É a capacidade que o animal demonstra em lutar até ao fim do combate que pressupõe a lide. É importante que o animal transmita emoção nas investidas e que dure tempo. A bravura deve ser no sentido ascendente, de menos a mais. Analisa-se mediante a observação do comportamento.

Tourearabilidade: “é a condição que o animal possui de se deixar tourear”.



Figura 26 - O tipo de toiro criado nesta ganadaria

Em termos de sanidade para além do rastreio anual obrigatório de brucelose e tuberculose, desparasita-se todo o efectivo reprodutor, vacas e sementais, assim como os toiros que vão ser transportados para os espectáculos tauromáquicos. Realiza-se a vacinação dos bezerras e bezerras de desmame, contra as enterotoxémias e pasteureloses, principais causas das baixas nestes grupos de animais.

4.2 Turismo

No âmbito da diversificação das actividades na exploração agrícola, realiza-se na herdade de Galeana visitas ao efectivo de raça Brava, as quais o ganadeiro atribui o nome de Taurismo. A beleza da paisagem natural associada ao toiro no seu habitat natural torna esta visita numa experiência rara. Os visitantes viajam entre os toiros e lotes de vacas em reboques preparados para o efeito, tornando possível uma grande proximidade com os animais. Existe também um celeiro que mantendo as suas características arquitectónicas típicas está transformado num museu da Ganadaria, sendo um espaço multiusos onde entre outras actividades se pode desfrutar de um típico almoço alentejano.

A herdade de Galeana colabora num projecto com a LPN - Liga da Protecção da Natureza e o CEAI – Centro de Estudos da AviFauna Ibérica no âmbito do projecto LIFE Habitat Lince Abutre. O projecto tem como objectivo a criação de campos de alimentação artificial para o abutre-preto de modo a aumentar a disponibilidade de alimento para esta espécie que se encontra em vias de extinção.

A diminuição da população destas aves necrófagas deve-se, entre outros factores, às regras sanitárias cada vez mais restritivas, que obrigam a que as carcaças dos animais mortos sejam recolhidas dos campos para serem incinerados através do sistema SIRCA. Através desta parceria todos os cadáveres de bovinos com idade inferior a 4 anos são depositados no alimentador, disponibilizando alimento aos abutres.

5. Conclusão

Foi abordado neste trabalho os vários componentes de uma exploração de raça brava de Lide que se relacionam com o manejo alimentar, reprodutivo e do produto final. No entanto, existem explorações que possuem características de produção ligeiramente diferentes, reflectindo-se nos seus produtos. Como tal, não existe uma tentativa de denominar uma melhor que a outra, mas sim, caracterizá-las como diferentes.

É importante referir que existe pouca literatura portuguesa sobre os temas relacionados com a raça Brava de Lide como a sua criação, o seu manejo e melhoramento genético, contrariamente ao que se verifica no país vizinho.

No presente trabalho concluiu-se que um dos pontos fundamentais da criação da raça Brava de Lide é a selecção dos animais, procurando um constante melhoramento comportamental do toiro através da bravura, característica indispensável para a realização de qualquer tipo de espectáculo taurino. Esta característica do manejo da raça é o que origina diversas opiniões envoltas ao toiro de bravo e discordâncias sobre os comportamentos dos distintos animais. No entanto, conhecendo a evolução do toiro bravo e da sua selecção percebe-se que há alguma uniformidade de conceitos ainda que seja algo subjectivo que significa que a existência de variabilidade de comportamentos não é de todo negativa pois permite a selecção genética das características desejadas em detrimento das menos desejadas para obter animais mais homogéneos.

O subproduto desta raça começa a ganhar maior importância uma vez que o sistema de valorização da qualidade da carne permitiu aos consumidores identificarem no produto características peculiares, ligadas quer à origem geográfica, quer a um método de produção que os próprios criadores, o qual foi referido neste trabalho. O que pode resultar num futuro acréscimo ao rendimento da ganadaria mas, principalmente, numa forma de valorização de uma raça autóctone.

6. Glossário

Acometividade - arranque brusco do toiro sobre qualquer coisa que o provoque, normalmente quando está sozinho.

Aficionado - pessoa que mostra grande interesse pela tauromaquia.

Bravura – a bravura é um carácter ou conjunto de caracteres hereditários, portanto transmissíveis à descendência.

Burladeros - lugar onde os toureiros e as suas quadrilhas se escondem na arena de modo a que não sejam colhidos.

Capote - um dos utensílios que o toureiro utiliza, geralmente cor-de-rosa e amarela, para poder tourear.

Castas - variedade de uma espécie animal que se reproduz com certas características secundárias que a distinguem.

Charneca - estende-se da margem esquerda do rio Tejo até ao Alentejo (Sul do Ribatejo). Encontra-se solos arenosos, incluindo vastas áreas de montado de sobro, bem como de eucaliptos e pinheiros. Contudo também é possível observar, em locais mais favoráveis, cultivo de cereais e vinha, bem como arroz nas zonas mais irrigadas.

Corrida de toiros - os espectáculos tauromáquicos em que actuam cavaleiros ou «matadores de toiros», ou ainda os espectáculos tauromáquicos em que actuam cavaleiros e cavaleiros praticantes ou «matadores de toiros» e novilheiros, desde que os cavaleiros praticantes ou os novilheiros sejam em número igual ou inferior, respectivamente, ao número de cavaleiros ou de «matadores de toiros» e as reses obedeçam às características previstas no presente regulamento.

Corridas mistas - os espectáculos tauromáquicos em que actuam cavaleiros e «matadores de toiros», podendo também actuar cavaleiros praticantes e novilheiros, desde que o número destes seja igual ou inferior, respectivamente, ao número de cavaleiros e ao de «matadores de toiros» e as reses obedeçam às características previstas no regulamento.

Curral - recinto onde se recolhe o gado;

Encaste - são considerados as diferentes variedades da raça, que apresentam grandes diferenças genéticas, morfológicas e de comportamento;

Festivais tauromáquicos - os espectáculos tauromáquicos que se destinam, comprovadamente, a angariar receitas para fins de beneficência, onde podem atuar artistas tauromáquicos profissionais com diversas categorias e artistas amadores em distintas modalidades de lide e as reses se encontrem inscritas no Livro Genealógico Português dos Bovinos da raça Brava de Lide.

Ganadaria - denominação de exploração onde são criados animais da raça Brava de Lide.

Ganadeiro - designação atribuída aos empresários que criam animais da raça Brava de Lide.

Maioral - encarregado principal do trabalho com o gado numa herdade.

Manga - área cercada em que se recolhe o gado.

Montado - é um ecossistema muito particular, criado pelo homem, característico do Alentejo. É constituído por florestas de sobreiros ou azinheiras de equilíbrio muito delicado e que subsistem apenas no Mediterrâneo e sobretudo nas regiões a sul da Península Ibérica. Portugal é o país com a maior extensão de sobreiros do mundo (33% da área mundial).

Muleta - é um pedaço de flanela vermelha que se usa como instrumento para tourear animais da raça Brava de Lide.

Nobreza - rectidão na investida, franqueza no ataque.

Novilhadas - os espectáculos tauromáquicos em que actuam novilheiros e, ou, cavaleiros praticantes, podendo também actuar novilheiros praticantes, desde que em número igual ou inferior ao dos novilheiros e as reses obedeçam às características previstas no regulamento.

Novilhadas populares - os espectáculos tauromáquicos em que atuam novilheiros praticantes, podendo também actuar cavaleiros praticantes, bem como amadores a pé e a cavalo, desde que em número inferior ao dos praticantes e as reses obedeçam às características presentes no regulamento.

Raça Brava de Lide - raça bovina autóctone, caracterizada pela bravura dos seus exemplares.

Refugo – animais com idade aproximada aos 16 anos; problemas reprodutivos; problemas a nível do úbere e tetos; problemas a nível locomotor, entre outros, mas também pelo facto de sua descendência não apresentar as qualidades requeridas pelo ganadeiro para lide.

Rusticidade - elevada capacidade de subsistência em condições de fraca disponibilidade de alimentos.

Semental - animal destinado à reprodução.

Tenta - prova funcional realizada, geralmente, em praças de tenta das ganadarias ou a campo aberto para seleccionar futuros reprodutores/reprodutoras.

Tentadero - local onde ocorre a tenta.

Tourearabilidade - é a condição que o animal possui de se deixar tourear.

Touro Bravo - animal adulto masculino com pelo menos x anos de idade e y kg de peso, resultado final da raça Brava de Lide.

Trapio - refere-se à morfologia do animal (fenótipo), trata-se no fundo da sua apresentação, tem uma componente quantificável ou objectiva, mas é sobretudo uma apreciação subjectiva. Tem a ver com a harmonia e/ou tipo do animal.

Variedades taurinas - os espectáculos tauromáquicos em que atuam artistas tauromáquicos amadores e, ou, toureiros cómicos, e as reses obedecem às características previstas no presente regulamento.

7. Bibliografia

APCTL. (2006). Ganadaria Portuguesas.

AREVA, A. (1958). Origenes e Historial de las Ganaderias Bravas.

Ázera, S. C. R. (2000) – Ecologia das plantas espontâneas nas pastagens da zona nordeste da Ilha Terceira. Trabalho de Fim de Curso para obtenção da licenciatura em Engenharia Agrícola. Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo. Ciclostilado, 222 pp.

Braga, R.B. (1989). Taurología: La ciencia del toro de Lidia. Espasa-Calpe, Madrid. Colección la Tauromaquia, 20:93-274

Caballero de la Calle, J.R. (2002). Producción de carne de toro de lidia. MundoGanadero, Caballero de la Calle, J.R., Fuentes, F.L., (2005). Analisis de la evolución del toro de lidia en la fase de acabado. Artigos taurinos. V Congresso Mundial Taurino Veterinaria, Universidad de Castilla-La Mancha, Valladolid. 149,18-21. Disponível em: <https://www.uclm.es/professorado/produccionanimal/VCMTValladolid.pdf>, consultado a 7 de Outubro de 2015.

Cervantes,A., Moreno, J.E. (2004). Las rutas del toro en andalucia. Andalucia abierta.

Cañon, J., Tupac-Yupanqui, I., García-Atande, M.A., Cortés, O., García, D.,Fernández, J. 2008. Genetic variation within the Lidia bovine breed. International Society for Animal Genetics, Animal Genetics 39: 439-445.

Carpio, I.G. 2009. La crianza del toro bravo: un presente que mira al futuro y un futuro potenciador del pasado. Revista Profesión veterinaria, 16 (72): 94-96. Disponível em: <http://www.colvema.org/PDF/9496CriaToros.pdf>, consultado a 22 de Fevereiro de 2015.

Centro etnográfico del Toro de Lidia. Disponível em: http://www.centrotorolidia.es/opencms_wf/opencms/toro_de_lidia/produccion_y_manejo/index.html, consultado a 22 de Fevereiro de 2015.

Cid, P. (2001). O Exterior dos Bovinos das Raças Autóctones. Edições Garrido, 123 pp.

COUNCIL REGULATION, Regulamento (CE) N° 510/2006 do Conselho, “Carne de Bravo de Ribatejo”, N° CE:PT-DO-0005-0789-08.10.2009 IGP()DOP(x). Publicação de um pedido em conformidade com o artigo nº 6, nº 2, do Regulamento (CE) nº510/2006 do conselho relativo à protecção das indicações geográficas e denominações de origem dos produtos agrícolas e dos géneros alimentícios. Disponível em: http://www.apicarnes.pt/pdf/legislacao/Pub_2012_353.pdf, consultado a 10 de Setembro de 2015.

Correia, P. B. C. (2012). Posicionamento genético do gado bravo da ilha Terceira em relação à raça Brava de Lide. Angra do Heroísmo: Universidade dos Açores. IX, 85 f. Dissertação de Mestrado.

Cossío, J. M. (1988). El Cossio: Los toros, Tratado Técnico e Histórico. Tomo I. Espasa-Calpe. X Edição.

Crespo, David G. (1975). Fatores Elementares do Sequeiro do Sul - “Prados Temporários e Permanentes”. INIA, Oeiras.

Crespo, David G. (2006). O Papel das Pastagens Biodiversas Ricas em Leguminosas na Reabilitação da Agricultura Alentejana e na Qualidade dos seus Produtos Tradicionais. Ruraltec, Universidade de Évora, Évora.

Cruz Barrientos, J. C. (2008). El toro bravo en la dehesa extremeña. Junta de Extremadura, Badajoz. 298.pág.

Domecq, A.D. (1986). El toro Bravo, Teoría y práctica de la bravura, 2.^a edición. Espasa-Calpe.

Madrid. Colección la Tauromaquia, 2: 45 – 67; 105 – 115; 149 – 161; 173 – 181; 251 – 313.

Domecq, J.P.S. (2009). Del toreo a la bravura. Alianza Editorial, Madrid, pp 15- 50; 117-197;381.

Fernandes, M.T.S. (1996). Raças de bovinos autóctones. Um importante recurso genético animal português a preservar e a defender. Veterinária Técnica. 12: 10-15.

Ferreira, António (2000), “Caracterização de Portugal Continental”, Dados Geoquímicos de Base de Sedimentos Fluviais de Amostragem de Baixa Densidade de Portugal Continental: Estudo de Factores de Variação Regional. Disponível em: http://egeo.ineti.pt/edicoes_online/teses/antonio_ferreira/volume1/cap2.pdf, consultado a 6 de Fevereiro de 2015

Gama, L. (2006). Programas de selecção e conservação dos recursos genéticos animais: A experiência da Europa Mediterrânica. Anais de Simpósios da 43ª Reunião Anual da SBZ. João Pessoa PB. pp 633-648.

Garcia, ML; Rosário, J.; Antunes, M. (1981). Bovinos em Portugal. Direcção dos Serviços Veterinários - D.G.S.V., Lisboa. 44-78.

Garrido, J.L.Prieto (2014). El toro bravo en el campo. 2ª Edicion.

Gaudioso V, Riol A, (1996). Selección y reproducción en el ganado de Lidia. En: Producciones equinas y de Ganado de Lidia, Cap. XVII. Zootecnia, bases de producción animal. Ed-Mundiprensa.Madrid.

Grave, J. (2000). Bravo! Oficina do Livro. Lisboa. pp 31-141.

Grave, J. (2002). Bem-estar animal, aspectos relativos à produção e à utilização do touro de lide. Congresso de Ciências Veterinárias [Proceedings of the Veterinary Sciences Congress, 2002], SPCV, Oeiras, 10-12 Out., pp. 207-209. Disponível em: <http://horta.0catch.com/congressospcv/25.pdf>, consultado a 22 de Janeiro de 2016.

Grave, J. (2015). Comunicação pessoal.

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (2013). Espécies arbóreas indígenas em Portugal continental. ICNF. Disponível em: <http://www.icnf.pt/portal/florestas/gf/prdflo/resource/doc/arvor-indigen-pt-contin>, consultado a 6 de Março de 2016.

INE, I. P., 2011. Recenseamento Agrícola 2009. Análise dos Principais Resultados. Edição 2011. Instituto Nacional de Estatística I. P., Lisboa, Portugal. 185 pp.

Instituto Português do Mar e da Atmosfera (2015). Boletim Meteorologico para a Agricultura. Disponível em: <http://www.ipma.pt/pt/publicacoes/boletins.jsp?cmbDep=agr&cmbTema=bag&cmbAno=2015&idDep=agr&idTema=bag&curAno=2015>, consultado a 22 de Fevereiro de 2016.

Lima, J. P., Vieira, E. (2014). Ilha Terceira, O lugar Atlântico do Toiro. Ilha Terceira: BLU edições.

Lomillos, J.M. Alonso, M.E. Sánchez-García, C. & Gaudioso, V. (2012). Evolución del sector de la producción del toro de Lidia en España. Censos y Ganaderías. Información técnica económica agraria, 108, 2: 207-221.

Lomillos et al. ITEA (2013). Análisis de la evolución del manejo en las explotaciones de toro de lidia. Desafíos del sector, Vol. 109 (1), 49-68).

Lomo, J.A.E., (2012). El Mayoral en las ganaderías de lidia de Extremadura y Portugal, Funciones. Disponível em: <http://www.toroslidia.com/wp-content/uploads/2011/03/Monografia-El-Mayoral-o-Maioral-en-lasganader%C3%ADas-de-lidia-de-Extremadura-y-Portugal.pdf>, consultado a 10 de Maio de 2015.

López, A. (1998). La cría del ganado de lidia y la gran explotación agraria en Andalucía (s.XVIII – XIX). Universidade de Sevilha. Estudios Agrosociales y Pesqueros; nº 184, pp 137-138.

Lucas, A.V. (2006). Ganadarias Portuguesas 2006. Ed. Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide, Porto Alto, 30-150 pp.

Lucas, A.V. (2010). O toiro de lide em Portugal: sua origem, dispersão e evolução: identificação, registos e contrastes. Morfologia e função do toiro bravo de lide. Faculdade de Medicina Veterinária. Lisboa.

Ministerio de Medio Ambiente y Medio Rural E Marino. (2011). Programa de mejora de la raza bovina de Lidia <http://www.toroslidia.com/wp-content/uploads/2012/01/Programa-de-mejora-de-la-Raza-Bovina-de-Lidia.pdf>.

Mocho, S.B. (2012). Variabilidade genética para características de lide na raça brava. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Zootécnica. Produção Animal. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Montesinos, A. (2002). Prototipos Raciales del Toro de Lidia. Ed. Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, Madrid. 45-90 pp.

Moreira, Nuno (2002). Agronomia das forragens e pastagens. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

- Potes, J. M. (2011). O Montado no Portugal Mediterrânico. Lisboa. Edições Colibri.
- Peralbo, A.C., Cabrera, A.G. (2001). La alimentacion del toro de lidia/ aplicacion en la ganaderia de Jaralta. Consejeria de Agricultura y Pesca. Junta de Andalucia.
- Purroy, A.U. (1987). La cria de toro bravo. Arte y Progreso. Mundi-Prensa, Madrid, pp 27 -59- 107 – 140.
- Purroy, A.U. (2003). Comportamiento del toro de lidia. En el campo, en lo ruedo. Universidad Pública de Navarra, pp 21:37 – 113:138 – 177: 218.
- Rodríguez Medina, P.L. (1993). La alimentación del ganado de lidia. I Er Simposium nacional del Toro de Lidia. Zafra. Pp.79-99.
- Sánchez JM, Riol JA, Eguren VG, Gaudio VR, (1990b). Comportamiento del toro de lidia frente al caballo y muleta: aspectos aplicativos a la selección de la raza. Archivos de Zootecnia, Vol.39 (144), 165-174.
- Efe Serrano, J., 2006. Pastagens do Alentejo: bases técnicas sobre caracterização, pastoreio e melhoramento. Universidade de Évora - ICAM, Évora. 219 pp.
- Sousa, P. (2000). Avaliação da Qualidade da Pastagem para o Pastoreio em 8 bacias leiteiras da Ilha Terceira. Relatório final de curso da Universidade dos Açores. Angra do Heroísmo.
- Villanueva, B., Pong-Wong, R., Wooliams, J.A. e Avendaño, S. (2004). Managing genetic resources in selected and conserved populations. In: Farm Animal Genetic Resources. G. Simm., B.Villanueva, K.D. Sinclair and S. Townsend e S. AVENDAÑO (Eds.). Nottingham University Press. pp-1 – 14; 113 – 130.

Anexo I

FICHA DE TENTA

DATA ___/___/___ Nº _____ ERA _____

PICADOR _____ MAESTRO _____

TRAPIO _____ COMPORTAMENTO _____

REFILONAZOS _____ PUYAZOS _____

BERREIA	ESCARVA	DISTRAI-SE	PRONTA	SERIA	EMPREGA-SE
FOGE	MÃOS POR DIANTE	ALVIA	GALOPA	SOM	RABO NO AR
TARDA	CARA ALTA	SOLTA	ALEGRE	LARGA	METE A CARA
CAI	PASSOS	BRIGA	FIXA-SE	DURAÇÃO	

CAPOTE _____ NOTA _____

MULETA

BERREIA	ESCARVA	OLHA	PRONTA	SERIA	EMPREGA-SE
FUGINDO	MAOS POR DIANTE	FRENA	GALOPA	SOM	TRANSMITE
NÃO SE COLOCA	DUVIDA	TARDA	METE A CARA	LARGA	RECORRIDO
EM TABUAS	CARA ALTA	SOLTA	FIXA-SE	NOBRESA	RABO NO AR
ADLANTA-SE	CAI	PASSOS	REPETE	DURAÇÃO	BOCA FECHADA

MULETA _____ NOTA _____

NOTA FINAL :

MAU		MEDIocre		REGULAR		BOM		M BOM	
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

BANDARILHAS _____ NOTA _____

OBS. _____

Anexo II

Raças Autóctonas - Programa de Conservação e Melhoramento Animal

Inscrições em Livro Genealógico (LG)				
Espécies	Raça			
	Tipo de raça	Nº	Designação da Raça	Nº de fêmeas ativas inscritas no Livro de Adultos **
Bovinos	Autóctones	15	Alentejana	14 980
			Algarvia	6
			Arouquesa	4 533
			Barrosil	6 710
			Brava de Lide	7 800
			Cachena	4 821
			Jamelista	155
			Garvonesa	440
			Marinhoa	1 369
			Maronesa	5 081
			Martolenga	17 396
			Minhota	5 828
			Mirandesa	4 852
Preta	2 793			
Ramo Grande	**1 255			
Ovinos	Autóctones	15	Bordaleira Entre Douro Minho	5 442
			Campaniça	7 721
			Chuma Algarvia	3 137
			Chuma Badana	3 694
			Chuma do Campo	366
			Chuma Galega Bragançana	8 740
			Chuma Galega Mirandesa	6 329
			Chuma do Minho	3 634
			Chuma da Terra Quente	16 929
			Merina da Beira Baixa	7 254
			Merina Branca	9 850
			Merina Preta	9 870
			Mondgueira	2 735
Saboa	3 872			
Serra da Estrela	19 034			
Caprinos	Autóctones	5	Algarvia	3 991
			Bravia	9 768
			Chanqueira	4 403
			Serpentina	4 816
			Serrana	18 607
Preta de Montesinho	707			
Equídeos	Autóctones	4	Burro de Miranda	850
			Lusitana	2 000
			Garrana	1 674
Sorraia	146			
Suínos	Autóctones	3	Alentejana	5 254
			Bísara	3 737
			Malhado de Alcobaca	66
Galináceos		4	Amarela	1 399
			Branca	149
			Pedris Portuguesa	1 956
			Preta Lusitânica	1 831

*Fonte: Dados constantes dos Relatórios Anuais 2015_DGAV_PRODUR_Subsecção 2.2.3.2/ Bases de Dados Livros Genealógicos

**Fonte: Dados da DRADR – Direção Regional de Agricultura e Desenvolvimento Rural.

Anexo III

Decreto-Lei n.º 89/2014 de 19 de Junho

Aprova o regulamento do espectáculo tauromáquico definido para o caso das corridas de toiros e corridas mistas as características dos animais a lidar.

Os animais a lidar são do sexo masculino e devem ter as seguintes características:

- a) Em praças de toiros de 1.ª categoria, têm que ter mais de quatro anos de idade para o toureio a cavalo e mais de três anos para o toureio a pé e pelo menos 450 kg de peso para ambas as modalidades;
- b) Em praças de toiros de 2.ª categoria, têm que ter mais de três anos de idade e pelo menos 430 kg de peso;
- c) Em praças de toiros de 3.ª categoria, têm que ter mais de três anos de idade e pelo menos 410 kg de peso.

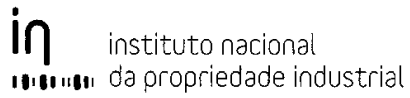
Os animais a lidar em novilhadas devem ser do sexo masculino e preencher os seguintes requisitos de idade e peso:

- a) Ter mais de três e menos de quatro anos de idade e peso entre 350 kg e 530 kg, para o toureio a cavalo;
- b) Ter mais de dois e menos de quatro anos de idade e peso entre 350 kg e 480 kg, para o toureio a pé.

Em novilhadas populares têm que ser animais do sexo masculino e com mais de dois e menos de três anos de idade e com um peso entre 300 kg e 400 kg. Por outro lado, os animais a lidar em variedades taurinas podem ser do sexo masculino ou feminino.

Nos festivais tauromáquicos, os animais têm que ser do sexo masculino e não estão sujeitos a idades ou pesos mínimos.

Anexo IV



Ex.mo Senhor
SOCIEDADE AGRO-PECUÁRIA DAS CAMPINAS
E CAMPOS UNIPESSOAL LDA
RUA DAS QUEIMADAS LOTE 8
2665 - 291 MALVEIRA

Processo de registo de MARCA NACIONAL n.º 541738 BRAVUS GOURMET

Ref.º: DM/05/2015/357609

Data: 2015.04.13

Venho, por este meio, notificar V. Ex.ª que sobre o processo de registo foi proferido, em 2015.04.13, **despacho de concessão**, o qual será inserido no Boletim da Propriedade Industrial n.º 73/2015, a publicar, previsivelmente, em 2015.04.15.

Instituto Nacional da Propriedade Industrial, 13 de Abril de 2015

Ana Cristina Cardoso
(Técnico Superior)